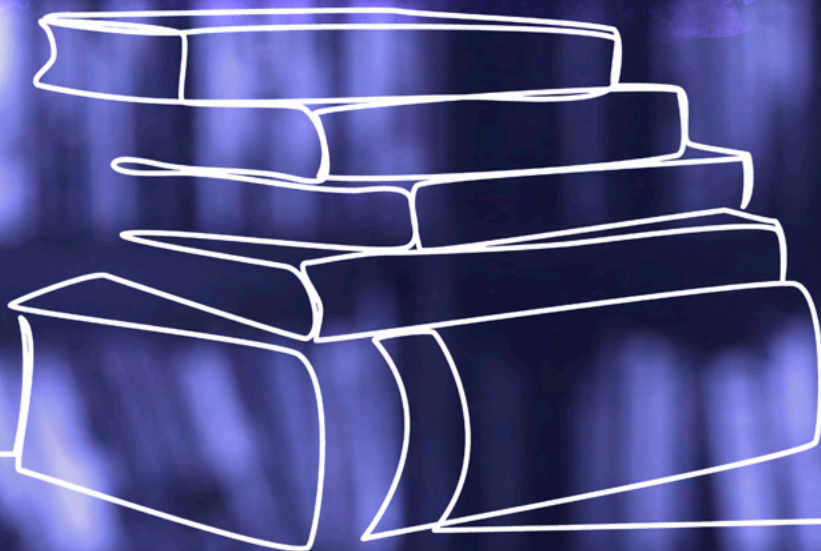


Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

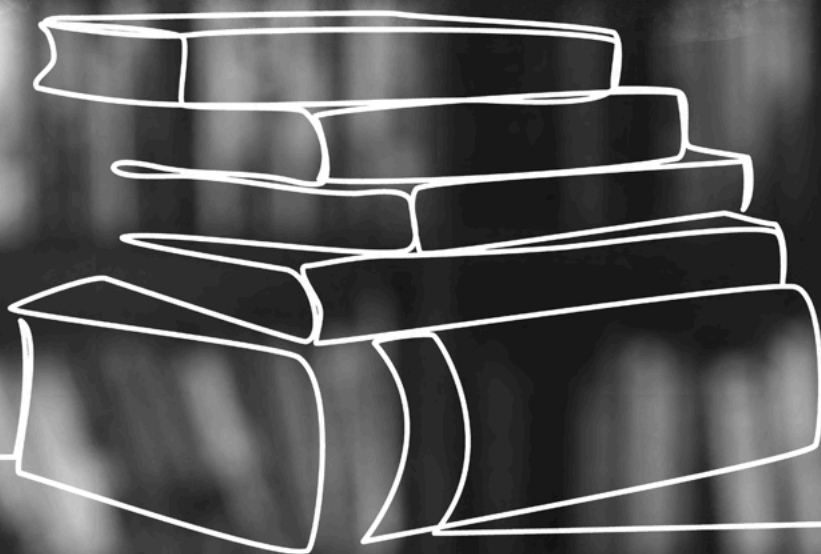


Atena
Editora
Ano 2022

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura: imaginação e seus dispositivos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura: imaginação e seus dispositivos / Organizador
Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0673-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.730221609>

1. Literatura. I. Silva, Jadilson Marinho da
(Organizador). II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

No capítulo 1, Maria Eduarda Ribeiro e Susana Souto Silva, a partir da análise de poemas de Bruna Beber e Carla Diacov, abordam questões relativas à complexa relação existente entre corpo e memória. Nesse contexto, como afirmam as autoras: Beber, retomando a memória do cotidiano, da cidade, de um corpo que se (des) faz nas malhas da memória de modo, quase sempre, irônico. Diacov experimenta, em sua escrita, uma radical experimentação do corpo feminino, ao usar o sangue menstrual como tinta para elaborar desenhos que acompanham muitos dos seus poemas, estabelecendo um diálogo interartes. Ambas desafiam a nossa leitura, a nossa memória e afetam as percepções que temos de poesia, corpo e memória.

No capítulo 2, Daiane de Souza Alves Mauricio aborda o tema “*Casas de Pedra, em Nova Veneza-SC: um lugar de memória enlaçado de tempo e de eternidade evocados pelo imaginário*”. A pesquisadora reflete sobre a história das Casas de Pedra do Nono Luigi Bratti, em Nova Veneza – SC, bem como sobre os objetos que nela se encontram e a marca que tais objetos e edificações deixou nas pessoas entrevistadas neste estudo, tendo como referencial as memórias revisitadas, percebemos que os relatos são marcados pelas fortes presenças do pai, da família e do trabalho.







No capítulo 3, Cassiano José dos Santos aborda o tema “*Odisseia, Eneida e Ramayana: épicos imprescindíveis*”. Nesse estudo, o autor apresenta o conceito de identidade contido nas epopeias nacionais. Tal problemática tem o intuito de identificar os elementos literários, mitológicos, culturais e artísticos contidos em algumas obras com ênfase em tópicos de convergência significativos e simbólicos.

No capítulo 4, Cláudia Miranda da Silva Moura Franco, Solange Correia de Lima e Claudia Nigro fazem uma análise crítico-interpretativa entre literatura, memória e acontecimento histórico no romance *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage. Nesse sentido, elas procuram estabelecer relações da narrativa com os elementos factuais que engendram o período da ditadura militar no Brasil.

No capítulo 5, Sandra Elizabeth Silva de Barros analisar a relação entre o cachorro e o homem no filme *Paterson* de Jim Jarmusch.

No capítulo 6, Wcleverson Batista Silva busca estudar e compreender as diversas influências e importação provinda do além-mar no campo da historiografia literária e educacional assim como a forte relação de favor entre os primeiros institucionalizadores deste sistema.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MEMÓRIA DO CORPO REINVENTADA NA POESIA DE BRUNA BEBER E CARLA DIACOV	
Maria Eduarda Ribeiro Susana Souto Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216091	
CAPÍTULO 2	16
CASAS DE PEDRA, EM NOVA VENEZA-SC: UM LUGAR DE MEMÓRIA ENLAÇADO DE TEMPO E DE ETERNIDADE EVOCADOS PELO IMAGINÁRIO	
Daiane de Souza Alves Mauricio	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216092	
CAPÍTULO 3	26
ODISSEIA, ENEIDA E RAMAYANA: ÉPICOS IMPRESCINDÍVEIS	
Cassiano José dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216093	
CAPÍTULO 4	45
AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO: A TORTURA DO CORPO FÊMEO EM <i>O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE</i>	
Claudia Miranda da Silva Moura Franco Solange Correia de Lima Claudia Maria Ceneviva Nigro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216094	
CAPÍTULO 5	55
A COLEIRA HUMANA NO FILME PATERSON	
Sandra Elizabeth Silva de Barros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216095	
CAPÍTULO 6	68
AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO IMPORTAÇÃO EUROPEIA	
Wcleverson Batista Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216096	
SOBRE O ORGANIZADOR	86
ÍNDICE REMISSIVO	87

CAPÍTULO 3

ODISSEIA, ENEIDA E RAMAYANA: ÉPICOS IMPRESCINDÍVEIS

Data de aceite: 01/09/2022

Cassiano José dos Santos

Anchieta – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/2358547924797435>

RESUMO: Este trabalho aborda o conceito de identidade contido nas epopeias nacionais. Tal problemática consiste em identificar os elementos literários, mitológicos, culturais e artísticos contidos em algumas obras que devem servir de fundamento para a elaboração do conteúdo do trabalho, com ênfase em tópicos de convergência significativos e simbólicos dessas obras, também se realizou uma abordagem teórica do conceito de identidade; na segunda parte, foi dada ênfase para os personagens de gênero feminino dessas obras. Essa problemática se justifica pelo fato de que na contemporaneidade vivencia-se uma crise de identidade em diversas culturas, que se encontram mal servidas em termos de materiais artísticos de qualidade, pois muitos artistas bem sucedidos atualmente, não tem uma base sólida em matéria de conhecimento para criar suas produções artísticas e esse trabalho, vem para mitigar ou atenuar esse problema. O objetivo desse estudo é reunir elementos a muito tempo esquecidos de culturas que já tiveram seu apogeu em épocas precedentes. Para isso, se procedeu a uma extensa pesquisa bibliográfica de epopeias da literatura clássica, de onde se extraiu materiais para reflexão e análise comparativa de aspectos importantes dessas obras. Esse estudo evidenciou a importância

de sempre lembrar dessas epopeias nacionais, pois são estas obras que melhor expressam a identidade das culturas as quais pertencem e por isso, feliz é a nação que possui obras de tal magnitude para representar sua cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Odisseia. Eneida. Ramayana. Identidade. Epopeia.

ODYSSEY, AENEID AND RAMAYANA: INDISPENSABLE EPICS

ABSTRACT: This paper addresses the identity concept in the national epics. The present issue consists in identifying the literary, mythological, cultural, and artistic elements contained in some works that should underpin the elaboration of the paper content, with emphasis on significant and symbolic convergence topics of these works, it was also held a theoretical approach of the identity concept; in the second part, the female characters of these works were emphasized. This issue is justified by the fact that in contemporary times an identity crisis is experienced in different cultures, which are underserved in terms of quality art materials because currently, many successful artists don't have a solid base of knowledge to create their artistic products, and this paper comes to mitigate or attenuate this problem. The aim of this study is to gather long-forgotten elements of cultures that had their height in previous times. For this, an extensive bibliographic survey of classical literature epics was carried out, from which materials were extracted for reflection and comparative analysis of important aspects of these works. This study demonstrated the importance of always

remembering these national epics because these are the works that best express the identity of the cultures to which they belong and, for this reason, happy is the nation that has works of such magnitude to represent its culture.

KEYWORDS: Odyssey. Aeneid. Ramayana. Identity. Epic.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste de uma iniciativa para resgatar o imaginário antigo das obras sublimes que inspiraram as culturas excelsas de séculos precedentes e das quais, só resta na contemporaneidade, vestígios irrisórios. A intencionalidade desse objetivo é mitigar ou atenuar a crise de identidade que permeia a cultura de tantos grupos sociais da contemporaneidade.

A argumentação será organizada mediante a abordagem de temáticas diversas, sendo assim, é oportuno fazer uma exposição prévia desses assuntos. Permeado no decorrer do texto, será enaltecida a importância do elemento principal das culturas nacionais, ou seja, suas obras com maior poder de influência e expressão mais significativa para a composição das culturas as quais pertencem, isto é: as epopeias nacionais.

Primeiramente, serão abordados e analisados aspectos em comum entre algumas epopeias – na segunda parte será dado destaque para a relevância das personagens femininas presentes nas obras analisadas – e demonstradas as razões pelas quais essas epopeias são tão importantes para as culturas as quais pertencem.

Outra temática pertinente na qual se dedicará um certo esforço para compreender sua importância nesse contexto, é o conceito de identidade, que será abordado para servir de suporte para o entendimento da composição das culturas nacionais e da relevância da figura do herói na representação da cultura perante si própria e perante as demais. Cumpre salientar que o conceito de identidade será trabalhado segundo uma perspectiva não essencialista, ou seja, não irá meramente reproduzir os significados das simbologias antigas, mas fará uma adaptação dessas simbologias para a realidade atual, despojando-se assim, do status de reacionário.

O propósito de tal problematização é recordar os valores fundamentais contidos nas histórias clássicas e resgatar a importância da simbologia antiga para a composição das culturas inspiradas pela influência dessas epopeias.

As epopeias abordadas serão A Odisseia de Homero, A Eneida de Virgílio e O Ramayana de Valmiki. A escolha dessas obras se dá pela semelhança que ambas possuem de o sufixo do título vir precedido do nome do protagonista da história. Devido ao fato de o enredo da Odisseia e da Eneida serem uma continuação do enredo da Ilíada, esta também será analisada. Também é importante ressaltar que, apesar de as obras a servirem de base serem as mencionadas anteriormente, o debate dos temas não se limitará a dispor somente do conteúdo delas, pois em momentos aleatórios do texto, também se fará alusão a outras

obras. Para a argumentação sobre o conceito de identidade, será usado como referência o livro *Identidade e Diferença*, de Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward.

A justificativa para a escolha de tal problemática é a de que na contemporaneidade, o imaginário que permeia grande parte dos indivíduos é constituído de elementos culturais vulgares e confusos, pois os fundamentos sob os quais estão assentados não representam verdadeiras manifestações artísticas. Ora, essa asserção é facilmente verificável pelo fato de que grande parte dos indivíduos dedicados à arte atualmente, não tem qualquer comprometimento com o objeto de estudo da arte – isto é, a beleza –; muitos nem mesmo sabem qual é esse objeto de estudo. Sendo assim, para tentar remediar ou atenuar esse problema, envidar-se-ão esforços para fornecer ao imaginário coletivo, elementos culturais mais nobres, baseados nas ideias sublimes das epopeias antigas, por meio da recordação dos arquétipos contidos nas histórias repletas de densa simbologia.

A metodologia empregada na elaboração do presente artigo é dissertativa argumentativa, alicerçada na pesquisa bibliográfica de obras pertinentes à problemática abordada, a partir das quais se fez recortes de perícopes significativas e, destas se extraiu deduções lógicas para contribuir com a construção do conhecimento estético e com a edificação da cultura da humanidade.

2 | TÓPICOS DE CONVERGÊNCIA DE EPOPEIAS CLÁSSICAS

As obras *Odisseia*, *Eneida* e *Ramayana* representam a jornada do herói, que depois de enfrentar inúmeros desafios, conquista seu objetivo e testifica o quão ditoso é por permanecer fiel aos próprios princípios, apesar das adversidades aparentemente insolúveis que precisa superar. Esses princípios quase sempre estão relacionados à concepção de virtude que se tinha na antiguidade, como sendo um valor pertencente ao líder corajoso e determinado. Aos heróis dessas epopeias (*Odisseu*, *Enéias* e *Rama*) se atribui o epíteto de virtuoso, também pelo fato de serem dignos de obter o favor dos deuses, que os auxiliaram em diversos momentos, como na circunstância na qual *Odisseu* estava retornando para *Ítaca* e teve sua jangada destruída pela violência de uma onda imensa que o atingiu; nessa ocasião, a divindade marinha *Leucotéia* veio em seu auxílio e disse:

“Ouve
o que te digo, pois de tolo tu não tens nada.
Arranca estes panos e larga a jangada ao vento.
Para navegar te bastam os braços. Tens que chegar
à terra dos feáceos. Lá estarás salvo. Teu destino
é esse. Toma. Cobre-te com este manto imortal.
Não tenhas medo. Morrer tu não vais. Quando
tuas mãos tiverem tocado terra firme, despe
o manto. Atira-o, o mais longe que puderes,
para dentro do mar violáceo e desvia o olhar” (SCHÜLER, 2008, p. 58).

Também é notável a passagem em que *Vênus* extrai a seta de *Enéias*, que o atingiu

momentos depois de interrompido o estabelecimento do tratado de paz proposto por Latino, como se verifica na passagem seguinte:

“Vênus, a quem do filho as dores pungem,
No Créssio Ida colheu da flor purpúrea
Dictamo, caule de pubentes folhas;
Não da corça ignorado, se expedita
Frecha ao dorso lhe adere. Em névoa escura
Envolvendo-se o traz: num vaso terso
De água enfuscada o infunde, oculta o misto
Ela tempera, esparge-lhe os salubres
Sucos de ambrósia e odora panacéia.
Íncscio o longo lúpis à ferida
O banho aplica: logo a dor se extingue,
O sangue estanca, a seta mesma a destra
Segue por si; restauram-se-lhe as as forças” (MENDES, 2008, p. 479, 480).

No Ramayana, sem dúvida o personagem Rama possui virtude, mas diferentemente dos demais protagonistas analisados, ele não recebe o favor dos deuses, pois ele próprio é concebido como a personificação do deus indiano Vishnu que, segundo a epopeia, encarnou para eliminar o titã Ravana, que havia se tornado orgulhoso por causa das bênçãos que recebeu e praticava crueldades contra os sábios e os santos devotos de Brahma que praticavam austeridades e penitências na floresta de Dandaka.

Em relação à mulher, a noção de virtude da época estava mais associada à fidelidade e o pudor, que eram valores exaltados na cultura vigente e nessas obras, eles possuem indubitavelmente uma expressão muito intensa, principalmente nas personagens Sita, do Ramayana e Penélope, da Odisseia. O personagem Lakshmana, por exemplo, considerava com tal seriedade a honra de Sita, que não ousava levantar os olhos acima de seus joelhos, como se verifica na passagem seguinte, em que lhe perguntaram se ele conhecia algumas jóias que haviam sido encontradas na floresta e que se supunham ser de Sita: “Ouvindo as palavras de Rama, Lakshmana disse: ‘Eu não reconheço os braceletes ou os brincos, mas eu conheço as tornozeleiras, pois eu somente adorava seus pés’” (MEIER, 2008, p. 394). Com relação à Penélope, numerosos são os elogios que recebe por sua virtude e constância por esperar Odisseu por tanto tempo, mesmo rodeada de propostas de pretendentes por todos os lados. Vale ressaltar que há na Odisseia, um trecho que expõe o louvor para as qualidades de Penélope e acrescenta outro detalhe após, como se evidencia no trecho a seguir:

“Declaro-te venturoso, Odisseu, filho de Laertes. Luminosas são as qualidades da que tomaste como esposa. Elevados são os sentimentos da modelar Penélope, filha de Icário, que, fiel a ti, nunca te esqueceu. A fama de seus feitos nunca terá fim. Os imortais ensinarão aos habitantes da terra cantos em louvor da sábia Penélope. Bem diferente foi a filha de Tinadareu, que só tinha crimes na cabeça, essa assassinou o home de sua juventude” (SCHÜLER, 2008, p. 245).

O referido detalhe é a comparação realizada entre Penélope e Clitemnestra, que recebeu seu marido Agamêmnon de modo diferente pois, ao voltar para Argos, foi assassinado por Egisto que, em conluio com Clitemnestra, de quem se tornou amante, deliberaram agir dessa forma. De fato, se Penélope tivesse agido como Clitemnestra, provavelmente a história do retorno de Odisseu também teria um fim trágico, tal como a história do retorno de Agamêmnon; no entanto, é preciso cuidado em censurar Clitemnestra, pois ela possuía um rancor muito grande pelo fato de Agamêmnon ter imolado sua filha Ifigênia para aplacar a Ira de Ártemis e poder embarcar para a Guerra de Tróia.

É oportuno, todavia, ressaltar a relevância das bênçãos, e da relação das mesmas com as maldições e vice-versa, como forma de expressão da presença dos deuses no Ramayana e acerca disso, a história de Dashagriva e seus irmãos Kumbhakarna e Bibishana oferece uma excelente metáfora para pensar a noção de mérito e recompensa, como na passagem em que se narra a história de como Ravana conseguiu suas bênçãos:

“Durante outros cinco mil anos, ele ficou de frente para o sol, com a cabeça e os braços erguidos, sua mente fixa na contemplação do Veda. Dessa maneira, Bibishana, como um habitante do céu nos jardins de Nandana, viveu por dez mil anos. E Dashagriva se privou de alimento pelo mesmo período e a cada mil anos sacrificava uma de suas cabeças ao deus do fogo. Assim, nove mil anos se passaram e nove das suas cabeças tinham sido sacrificadas ao fogo; quando dez mil anos se passaram, Dashagriva se preparou para cortar a sua décima cabeça quando o avô do mundo apareceu, e ele, com os deuses, muito satisfeito, apresentou-se diante de Ravana e disse-lhe:

“Eu estou satisfeito contigo, qual bênção eu te concederei nesse dia? Tu não passaste por essas austeridades em vão. Ó tu que és familiarizado com o dharma, rapidamente escolhe a dádiva que mais vai te agradar; tu tens a minha aprovação, ó Dashagriva!”

“Então Dashagriva, encantado, curvando-se àquele deus, respondeu com voz trêmula de alegria: ‘Ó Bhagavat, para os seres vivos não existe medo como o da morte; não há inimigo comparável a Mrityu, portanto, eu escolho a imortalidade!’

“Assim falou Dashagriva e Brahma respondeu-lhe dizendo: ‘Não é possível te conceder imortalidade, escolhe alguma outra bênção!’

“A essas palavras de Brahma, o criador do mundo, ó Rama, Dashagriva respondeu com palmas unidas: ‘Que eu não seja morto por suparnas, nagas, yakshas, daityas, danavas, rakshasas nem pelos deuses, ó Eterno, ó Senhor dos Seres. Eu não temo outras criaturas, que, com os homens, eu considero como meras palhas, ó tu que és adorado pelos celestiais!’” (MEIER, 2015, p. 849, 850).

Essa é a história da bênção recebida por Ravana. Ele passou a ser vulnerável somente para homens e por isso, os deuses planejaram eliminar Dashagriva enviando Rama como seu executor.

“Que a minha alma sempre esteja fixa na justiça em meio à maior adversidade. Sem ser instruído, que eu possa ser capaz de usar a arma de Brahma. Que

quaisquer pensamentos que venham a mim, onde ou em qualquer estado que eu me encontre, sempre estejam em conformidade com a virtude e que eu possa cumprir o meu dever!

(...) Então Prajapati, cheio de alegria, novamente dirigiu-se a Bibishana dizendo: 'Ó filho querido e virtuosíssimo, que seja como tu dizes, embora tu tenhas nascido na raça rakshasa, ó matador de teus inimigos, nenhum mal jamais entra no teu coração! Eu te concedo imortalidade!'" (MEIER, 2015, p. 850).

Percebe-se que a concessão da recompensa não foi realizada sem o pedido ser submetido a uma avaliação criteriosa da intenção do personagem, que se manifestou com boa vontade nas palavras de Bibishana e com um desejo arditamente sutil no discurso proferido por Ravana. A ponderação do significado das palavras e a consideração da intenção do pedido culminaram em uma resolução sabiamente concebida de Brahma. No entanto, diferente foi o tratamento dedicado a Kumbakharna, que teve até a expressão de sua vontade tolhida pela intervenção divina, como se percebe na seguinte passagem em que os deuses falam a Brahma:

"Quanto a Kumbhakarna, não lhe concedas quaisquer dádivas! Tu bem sabes como os três mundos temem esse patife perverso! Nos jardins de Nandana, sete Apsaras e dez servos de Mahendra foram devorados por ele, ó Brahma, como também rishis e homens. Esses são os feitos desse rakshasa antes de receber uma bênção; se uma for conferida a ele, ele pode consumir os três mundos! Ó tu cujo esplendor é imensurável, fingindo conceder-lhe uma benção fazes com que ele fique confuso; dessa maneira, os mundos viverão em paz e ele receberá o que merece'. "Assim falaram os deuses, e Brahma, nascido do lótus, pensou na deusa, sua consorte, e, assim que ele a chamou à lembrança, Sarasvati apareceu ao seu lado e com palmas unidas disse-lhe: 'Ó Senhor, eu estou aqui, o que devo fazer?' "Então Prajapati respondeu àquela deusa, que tinha chegado lá, dizendo: 'Ó tu que és a Fala, permanece na boca daquele Indra entre os rakshasas e profere aquilo que os deuses desejam'. "'Assim seja!' ela respondeu e, tendo entrado em sua boca, Kumbhakarna disse: 'Dormir por inúmeros anos, ó Senhor dos Senhores, esse é meu desejo!' "'Que assim seja!' respondeu Brahma e, com os deuses, ele partiu'" (MEIER, 2015, p. 851).

Essa é a história de como o terceiro dos três irmãos receberam a recompensa por suas austeridades, que no caso de Kumbhakarna, não veio em forma de bênção e sim de maldição, devido aos seus atos precedentes. Essas informações aparecem em diversos momentos ao longo da narrativa, o que demonstra a relevância do assunto para o significado da obra em seu sentido mais amplo. Em outra passagem do Ramayana, Raghava ensina através do exemplo de soberano generoso e magnânimo, qual é a melhor maneira de adquirir uma grande bênção, isto é, por meio da caridade, como está expresso no trecho a seguir:

"Agora, o gado será levado para a tua residência, pede, além disso, tudo o que desejares. Ó brâmane, eu darei qualquer coisa que tu pedires; toda a minha riqueza é para ser dada aos brâmanes. Nada me satisfaz tanto quanto a

concessão da minha riqueza a brâmanes tais como tu, trazendo-me renome’.

Então o brâmane Trijata muito satisfeito, levando as vacas, partiu com sua esposa, cheio de poder, fama e devoção, abençoando Shri Ramachandra” (MEIER, 2015, p. 168).

Seres fantásticos também tem expressiva importância nessas epopeias e é particularmente significativa a passagem da Eneida, em que a frota troiana que fugiu do ataque dos gregos encontra o gigante Polifemo – o mesmo cujo olho foi vazado por Odisseu e seus companheiros –, interpelada por um sobrevivente do grupo de Odisseu, que foi abandonado do restante da turma:

“Como o feroz Polifemo com suas ovelhas lanzudas munge na escura caverna e enche os tarros de leite, centenas de outros Ciclopes ferozes como ele vagueiam por estas praias recurvas e têm seus refúgios nos montes de em torno. Já por três vezes a lua seus cornos encheu de luz nova, desde que arrasto a existência nas selvas, por entre as desertas tocas de feras, e observo, de um monte aqui perto, a saída desses gigantes, tremendo de vê-los e ouvir-lhes os passos (...) Mal terminara, avistamos mover-se no cimo de um monte com seu rebanho de ovelhas a ingente e intratável figura de Polifemo pastor, a baixar para as notas ribeiras, monstro horroroso, disforme gigante privado da vista. Num desbastado pinheiro se apoia; com ele se orienta. Cercam-no as rudes ovelhas, seu único alívio, consolo na desventura. (Do colo lhe pende uma flauta campestre) Quando se achava adentrado no mar e tocava nas ondas, lavou a sânie que do olho escorria, vazado de pouco. Rangem-lhe os dentes, de dor. Avançou até ao meio das ondas d’água profunda, e mal chega-lhe o mar a banhar a cintura. Apavorados, a fuga apressamos depois de acolhermos o suplicante. Em silencio cortamos as fortes amarras e, sobre os remos dobrados, varremos o mar à porfia. Algo ele ouviu; para o lado das vozes os passos dirige. Mis, percebendo que lhe era impossível chegar até aos barcos rapidamente levados nas ondas velozes do Jônio, soltou um berro tão forte por cima das águas revoltas, de estarrecer até as bases medrosas da bela Trinácia e de obrigar a mugir o próprio Etna nas suas cavernas. A esse barulho, das matas ocorre, dos montes mais altos, a geração dos Ciclopes, que as praias e o porto logo enchem (...) Inenarrável pavor nos levou a soltar vela aos ventos, desimpedidos os cabos, a fim de apressarmos a fuga” (NUNES, 1983, p. 67, 68).

Interessante observar que o desdobramento trágico de um personagem de uma epopeia influenciou positivamente o destino de outros personagens em outro épico e isso ocorre em muitos momentos das narrativas citadas.

Nas obras *Ilíada* e *Eneida* há também o momento similar em que Zeus ou Júpiter pesam os destinos de Aquiles e Heitor, e de Enéias e Turno, como observa-se na passagem

a seguir da *Ilíada*:

“Mas quando pela quarta vez chegaram às nascentes,
foi então que o Pai levantou a balança de ouro,
e nela colocou os dois destinos da morte irreversível:
o de Aquiles e o de Heitor domador de cavalos” (LOURENÇO, 2005, p. 489).

E no trecho seguinte da *Eneida*:

“Ouro e fio a balança, os fados de ambos
Jove nas conchas libra, examinando
Quem na lide sucumbe e vergue ao peso” (MENDES, 2008, p. 489).

De fato, é muito significativo o fato de estar expressa a problemática de qual dos dois destinos, colocados nos pratos da balança, cederia ao peso como forma de determinar o desfecho do confronto dos rivais aludidos. Essa circunstância está relacionada com uma noção de virtude, meritocracia e sorte que, quando favorecidas, podem propiciar um certo estado de coisas na narrativa épica.

Em outro trecho semelhante à *Ilíada*, Virgílio narra as cinco voltas ao redor de *Árdea*, que *Enéias* percorreu em perseguição de *Turno*:

“Cinco vezes girando e regirando,
Leves prêmios de jogos não pleiteiam;
Da vida e sangue trata-se de *Turno*” (MENDES, 2008, p. 491).

Percebe-se que apesar de *Enéias* estar ferido pela flecha que o atingiu no momento em que se rompeu o acordo de paz entre rútuos e troianos aludido no início do presente trabalho, o herói ainda superou a dor do ferimento e conseguiu perseguir *Turno* ao redor de *Árdea*, assim como *Aquiles* percorreu três voltas ao redor de *Tróia* perseguindo *Heitor*, como se evidencia na passagem a seguir da *Ilíada*:

“Tal como quando cavalos de casco não fendido, granjeadores
de troféus, contornam velozes os postes, pois grande é o prêmio,
porventura uma trípole ou uma mulher, em honra de herói morto —
assim três vezes eles correram em torno da cidade de *Príamo*
com pés velozes. E todos os deuses estavam olhando” (LOURENÇO, 2005,
p. 487).

Turno é considerado na *Eneida* como sendo outro *Aquiles*, mas nesta ocasião, percebe-se ironicamente que ele assume o papel de *Heitor* no épico de Virgílio, enquanto que o papel de *Aquiles* nesse ínterim, é desempenhado por *Enéias*.

Outra circunstância simbólica apresentada na *Eneida* e que possui notável inspiração homérica é a passagem em que *Turno* envia mensageiros até *Diomedes*, para pedir-lhe auxílio na guerra contra os etruscos e os troianos. A resposta do grego é espantosa por sua atitude incomum de negação e é repleta de alusões a eventos mitológicos significativos, como se verifica na passagem a seguir:

“Nos torna o Grego: - “Ó reinos de Saturno,
Priscos Ausônios, venturosos povos!

Que fado a concitar vos solicita
 Ignotas guerras? Quantos profanámos
 Com ferro Tróia (os transes nela exaustos
 Omito, e os que em si volve aquele Simois)
 Pelo orbe temos pago infandas penas,
 Tais que a Príamo próprio as lastimara:
 Minerva o testemunhe, o Arcturo infausto,
 O ultrice Cafareu, de Eubéia as penhas.
 Dali, de praia em praia desterrados,
 Menelau de Proteu foi ter às metas,
 Aos Ciclopes trinácrios o Laércio.
 De Pirro e Idomeneu subversos lares,
 Ou lembrarei na Líbia assentes Locros?
 De vingar n'Ásia um rapto ufano o Atrida
 Rei dos reis, por traição da atroz consorte,
 Cai do adúltero ao ferro em seu palácio.
 E o céu não me invejou rever a pátria
 E a bela Calidona e a cara esposa?
 Hoje inda monstros hórridos me assombram:
 Perdidos sócios (ai cruéis suplícios!)
 Nos ares voam-me, aves da ribeira,
 Com flébeis guinchos nos cachopos vagam.
 Isto eu prever devia, mal que insano
 Corpos violei divinos, golpeando
 A destra a Vênus mesma. A tais pelejas
 Não me instigueis, oh! não. Dês que assolada
 Pérgamo foi, com Teucros nem combate,
 Nem me recordo ou folgo desses males" (MENDES, 2008, p. 432, 433).

Nessa recusa de Diomedes se destacam principalmente a alusão aos castigos diversos sofridos pelos vencedores gregos, na volta de Tróia, pelas atrocidades e impiedades cometidas. O primeiro guerreiro grego castigado, que é mencionado por Diomedes é Ajax, que teve seus navios naufragados por Minerva no promontório de Cafaréu e morreu fulminado por um raio por ter ofendido a deusa ao maltratar a sacerdotisa troiana Cassandra, que havia se refugiado junto a seu altar. Em seguida, Virgílio menciona o embarço pelo qual Menelau se envolveu na volta da guerra e a seguir, fala de Ulisses, o qual é referido pelo patronímico Laércio, pois é filho de Laertes e foi interpelado pelo gigante Polifemo na Trinácia, em ocasião já abordada anteriormente da Odisseia. Após, o autor cita Pirro, que matou Príamo, embora o velho rei tenha se refugiado em um altar; o próprio Pirro, em outra circunstância, foi abatido por Orestes, junto ao altar de Apolo. Idomeneu também é mencionado como um dos desafortunados pois, ao regressar de Tróia para Creta, em meio a uma tempestade, prometeu sacrificar a primeira coisa que visse ao desembarcar, sendo por isso impelido forçosamente a sacrificar o próprio filho; disso sobreveio uma peste sobre Creta e Idomeneu necessitou exilar-se. Na sequência, Virgílio recorda dos Locros, que eram os guerreiros gregos que viajavam com Ajax; os membros desse grupo que sobreviveram ao naufrágio provocado por Minerva estabeleceram-se na Líbia, região

localizada no norte da África. Em seguida, o poeta alude a Agamêmnon que, ao voltar para Argos, foi assassinado por Egisto, como exposto anteriormente no presente artigo. Por fim, Diomedes menciona seus próprios transtornos devido às experiências atrozés que precisou suportar, e recorda com remorso da ocasião em que feriu Afrodite. Dessa forma, Diomedes conclui seu discurso se recusando em participar da guerra (MENDES, 2008).

Ademais, é oportuno destacar que muitos dos heróis mencionados, foram castigados por profanar um altar, ao atacar as pessoas que nele se refugiaram. Essa circunstância aparece também na descrição da morte de Siqueu, marido de Dido, como se lê na passagem seguinte:

“Pigmalião, irmão dela, dos homens o mais celerado.
Entre eles dois reina a Fúria; e o tirano, cegado da sede
do ouro, imolou a Siqueu desarmado, ante os próprios altares,
sem a menor reverência à dor grande da irmã sofredora” (NUNES, 1983, p. 17).

Outra temática convergente entre essas obras é o mau agouro que advém de portar o espólio do inimigo, como se lê na perícope em que Turno se apossa do talim de Palante depois de tê-lo derrotado no campo de batalha, o que despertou a cólera de Enéias:

“Então senta no morto a planta esquerda:
Rouba o talim de peso, e nele impressos
Do morticínio os tálamos sangrentos
Em jugal noite; culpa atroz, gravada
Pelo Eurítides Clono em chapas de ouro.
Turno com isto exulta: ó mente humana,
Fera e descomedida na bonança,
Do porvir néscia! Intacto inda a Palante
Vir-lhe-á tempo que almeje a todo o preço,
E este espólio e façanha ele abomine” (MENDES, 2008, p. 400, 401).

Na *Ilíada*, o fato de Heitor matar e roubar os despojos de Pátroclo também foi decisivo para despertar a cólera de Aquiles, como se lê na seguinte passagem:

“Enquanto isso pensava no espírito e no coração,
chegou junto dele o filho do excelso Nestor.
Vertendo lágrimas escaldantes, deu a triste notícia:
'Ai de mim, ó filho do feroso Peleu! Demasiado funesta
é a notícia que ouvirás, prouvera que nunca tivesse acontecido!
Pátroclo tombou. Em torno do seu corpo estão combatendo —
do seu corpo nu: pois suas armas tem Heitor do elmo faiscante.'
Assim falou; e uma nuvem negra de dor se apoderou de Aquiles” (LOURENÇO, 2005, p. 419).

Essa temática é de fato muito relevante, até mesmo no trecho final da *Eneida* observa-se a presença desse elemento simbólico, na ocasião em que Turno havia sido rendido por Enéias e pedido clemência, como se verifica a seguir:

“O acre Enéias
Pára, os olhos volteia, a mão reprime;

lam-no as preces quase enternecendo,
Quando o infeliz talim se mostra ao ombro
E a cravação do cingidouro fulge,
Despojos de Palante, a quem menino
Prostrara Turno com letal fereza,
E essa divisa infesta em si trazia.
Da cruel dor no monumento os olhos
Mal embebe, enfuriado o herói vozeia:
'Que! tu me escaparás dos meus com presa!...
Nesta ferida imola-te Palante,
Palante vingá-se em teu ímpio sangue.'
No peito aqui lhe esconde o iroso ferro:
Gelo os órgãos lhe solve, e num gemido
A alma indignada se afundou nas sombras" (MENDES, 2008, p. 496).

Esse zelo pelo espólio dos aliados mais queridos é constante nessas epopeias e, por ocasião da morte de Pátroclo e Palante, além de o fato ocasionar inúmeras represálias do inimigo, foi oferecida uma cerimônia fúnebre solene em que Aquiles e Enéias imolaram prisioneiros que haviam sido capturados das tropas inimigas como vítimas para a pira funerária da alma de seus amigos, como se lê na passagem a seguir da Eneida:

"Vivos quatro a Sulmon, a Ufente agarra
Quatro alunos que imole à sombra, e reguem
Do seu cativo sangue a rogal chama" (MENDES, 2008, p. 401).

E na passagem seguinte da Ilíada:

"E Aquiles, quando se fartou
da matança, tirou vivos do rio doze mancebos:
o preço do morto Pátroclo, filho de Menécio" (LOURENÇO, 2005, p. 466).

Outra temática recorrente nessas obras, que merece ser abordada e sobre a qual, pode-se extrair conceitos valorosos é o problema dos presságios, que está presente de modo significativo na citação do Ramayana a seguir:

"No momento em que Sugriva e Rama concluíram sua aliança, o olho esquerdo de Sita, semelhante a um lótus, se contraiu, como também aquele do Indra dos macacos, que parecia ouro, e o do titã, Ravana, que era como uma chama" (MEIER, 2015, p. 393).

Nessa passagem, o elemento simbólico que indica presságio é o pulsar do olho direito que, para os indianos, assim como para os antigos gregos, era um sinal auspicioso para o homem, enquanto que o latejar do olho esquerdo era um sinal de mau agouro; em uma mulher, por sua vez, os significados dos sinais são o oposto. De fato, os sinais eram tidos em alta conta e eram ponderados antes de qualquer batalha em todos os âmbitos do cenário, sobretudo nos sacrifícios que também eram realizados antes de qualquer batalha. No entanto, apesar de os personagens soberanos dessas epopeias possuírem conselheiros versados no domínio de diversas ciências, nem sempre deliberavam da melhor forma – de acordo com os sinais observados ou as orientações dos conselheiros – e as suas decisões

imorais e imprudentes os levaram à perdição, como foi o caso de Ravana e Turno, como se verifica no trecho seguinte do Ramayana, em que Dashagriva é advertido pelo seu irmão Bibishana:

“Os animais que puxam as carruagens estão derramando lágrimas. Descoloridos com poeira, os quatro quadrantes já não brilham; serpentes, chacais e abutres estão invadindo Lanka, se reunindo nas praças públicas com gritos terríveis; de pé diante de nós em sonho, mulheres negras como carvão com dentes brancos parecendo Kali irrompem em gargalhadas, pilhando as residências e tagarelando incoerentemente; nas casas, cães devoram as oferendas sagradas e burros nascem de vacas, ratos de mangustos; gatos acasalam com tigres, porcos com cães e kinnaras com os demônios e homens. Pombos de pés vermelhos e brancos, mensageiros da morte, por seu voo pressagiam o extermínio dos titãs” (MEIER, 2015, p. 651).

Ravana não ouviu os conselhos sensatos de seu irmão, pois era orgulhoso e estava obstinado em ter Sita para si; desse modo, primeiro quando o referido personagem recebeu suas bênçãos, ele se encontrava no extremo da liberdade e do autodomínio, e em seguida Vaidehi fez Ravana perder essas qualidades, como se verifica na períclope na qual se lê que “Antigamente, tendo subjugado os sentidos, tu conquistaste os três mundos e, posteriormente, os teus sentidos te conquistaram por sua vez” (MEIER, 2015, p. 799). De fato, não somente Dashagriva, mas Turno também pecou por temeridade e isso o levou à ruína, apesar de ter sido aconselhado por Diomedes, como observou-se anteriormente.

3 | AS PERSONAGENS FEMININAS DAS EPOPEIAS ABORDADAS E SEUS SIGNIFICADOS

Cumprir enfatizar a extremamente importante influência feminina nas ações desses heróis que, motivados pelo reencontro, a conquista e o resgate de suas amadas, fazem grandes prodígios, que possivelmente não seriam possíveis sem tal motivação. Na Odisseia é particularmente marcante a teimosia de Penélope em ser fiel ao seu marido ausente, enquanto que na Orestéia de Ésquilo, é no mínimo espantosa a atitude de Clitemnestra já aludida em outro momento no presente trabalho. Dessa forma, pode-se dizer que as mulheres desses dois guerreiros exerceram uma função decisiva no desfecho do seu destino.

No Ramayana também, percebe-se que Rama teve seu destino profundamente influenciado por sua consorte Sita, pois esta resolveu acompanhá-lo no exílio na floresta de Dandaka, na qual rishis e ascetas estavam sendo afligidos por inúmeros titãs cruéis; Rama, em honra à promessa recebida daqueles sábios –

“Na floresta de Dandaka, inúmeros demônios, assumindo diferentes formas, nos atormentam cruelmente. Ó Rama, nos protege! [...] Tu és o refúgio seguro de todos os santos e ascetas que atormentados pelos titãs buscam a tua proteção” (MEIER, 2015, p. 294).

– eliminou os titãs daquela floresta, mas isso incitou a ira do rei dos titãs, Ravana,

que planejou artimanhas ardilosas para raptar Vaidehi, e conseguiu e só não violou o corpo de Maithili porque ele possuía uma maldição de Brahma que o impedia de fazer isso. Para o resgate da princesa, Rama se aliou a Sugriva, irmão de Bali, o rei dos macacos, com quem se uniu em amizade, dessa união, os dois deliberaram se auxiliar mutuamente e para isso, Rama deveria matar Bali para Sugriva ser instalado como rei em seu lugar, pois Bali havia expulsado injustamente Sugriva de Kishkindha e tomado sua consorte; em troca, Sugriva mobilizaria um exército de mais de dez milhões de macacos para procurar por Sita em todos os confins da Terra. Os macacos fizeram uma varredura completa em uma área de tamanho continental e estavam quase desistindo da busca, quando Sampati – um abutre ancião, irmão de Jatayu – escutou seus lamentos e, por ouvir que seu irmão havia sido morto em combate por Ravana, resolveu ajudar e disse:

“Eu vi uma mulher jovem e adorável, lindamente vestida, sendo levada pelo perverso Ravana e aquela bela criatura estava gritando ‘Ó Rama’, ‘Ó Rama’, ‘Ó Lakshmana’ [...] aquele demônio, chamado Ravana, reside na cidade de Lanka [...] Uma grande muralha, brilhante como o sol, a circunda, e é lá que a infeliz Vaidehi, vestida em um traje de seda, está confinada nos aposentos internos de Ravana, cuidadosamente guardada por mulheres demônio. É lá que vocês vão encontrar Sita.

“A quatrocentas milhas daqui na margem sul do mar vive Ravana.” (MEIER, 2015, p. 474).

Ao ouvir todas as instruções de Sampati, os macacos ficaram desencorajados ao perceber que Lanka ficava do outro lado do mar, mas Hanuman, o filho de Vayu, conseguiu saltar de uma margem à outra e alcançar Lanka, onde enfrentou muitos titãs e conseguiu chegar ao esconderijo de Sita, que conversou, depois de muita hesitação, com Hanuman, que se ofereceu em resgatá-la naquele exato momento e leva-la até Rama, mas Sita não quis, pois não achava adequado ser levada por longas distâncias nos braços de outro que não fosse seu consorte e também porque considerava arriscado atravessar o mar nessas condições; ao invés disso, deu à Hanuman uma joia maravilhosa para ser entregue a Rama, para que este não tivesse dúvidas de que Sita havia sido encontrada e, depois dessas palavras com Vaidehi, o filho de Vayu retornou para junto dos seus. Quando Hanuman relatou todos esses fatos para Rama, este ficou extremamente aflito por Sita estar vulnerável e por Lanka se encontrar na margem oposta do mar, mas foi tranquilizado por Nala, um dos líderes do exército dos macacos, que “falou ao valente Rama deste modo:

‘Recorrendo à habilidade que herdei do meu pai, eu construirei uma ponte sobre o espaçoso e vasto domínio dos monstros aquáticos’” (MEIER, 2015, p. 630). Falando desse modo, Nala e seus subordinados construíram a imensa ponte para o exército atravessar o mar, é incrível a disposição desses seres para desempenharem tal prodígio:

“Alguns traziam troncos de árvores e outros os fixavam: foi às centenas e milhares que aqueles macacos, semelhantes aos gigantes, fizeram uso de canas, troncos e árvores florescentes para construir aquela ponte, correndo para lá e para cá com blocos de pedra semelhantes a montanhas ou picos

de penhascos, que, lançados ao mar, caíam com um estrondo retumbante” (MEIER, 2015, p. 630).

Depois que o exército chegou em Lanka, Rama tentou recuperar Sita pacificamente para, desse modo evitar uma guerra, mas Ravana é obstinado e, apesar dos conselhos de alguns ministros, recusou entregá-la; até mesmo seu próprio irmão Bibishana o aconselhou a entregar Vaidehi, mas foi duramente repreendido e banido de Lanka. Dessa forma, o estopim da guerra foi inevitável e disso, se seguiram longas batalhas e rios de sangue fluíram pelo território e arredores de Lanka até que, Rama e Ravana se encontraram no campo de batalha, se enfrentaram e Rama saiu vitorioso. Com Ravana morto, a guerra acabou, seus ritos fúnebres foram feitos solenemente, suas inúmeras mulheres choraram sua perda e Bibishana foi instalado como rei de Lanka em seu lugar. Tendo concluído essas atividades, Rama recupera Sita, mas havia uma suspeita em relação à conduta da mesma durante a ausência de seu consorte e por isso, foi submetida à prova de fogo, da qual saiu ilesa e devolvida a Rama pelo filho de Agni, deus indiano do fogo:

“Depois disso, a Testemunha de todo o mundo, Pavaka, dirigiu-se a Rama, dizendo: ‘Aqui está Vaidehi, ó Rama, não há pecado nela! Nem por palavra, sentimento ou olhar a tua consorte adorável mostrou-se indigna das tuas nobres qualidades’” (MEIER, 2015, p. 813).

Ao recuperar Sita, Rama retorna com a mesma do exílio para sua cidade, Ayodhya, onde é instalado como Rei e onde vive longos anos felizes com sua consorte e onde Vaidehi concebe gêmeos de Raghava, mas com o passar do tempo, começaram a circular na cidade, boatos maliciosos a respeito de Maithili, por conta do rapto cometido por Ravana. Rama considerou inconvenientes tais rumores e por isso, decidiu repudiar Sita e mandá-la para o eremitério do sábio Valmiki, Lakshmana ficou encarregado da triste tarefa de levá-la até lá. No eremitério, Vaidehi foi muito bem tratada, pois possuía a companhia de muitas mulheres ascetas que a tratavam como filha e que lhe prestaram um auxílio de valor inestimável no momento do parto dos gêmeos Kusha e Lava.

Quando os gêmeos já estavam na fase da infância, Valmiki os levou, juntamente com Sita, para ver Rama na residência real; a defesa de Maithili, proferida por esse sábio em meio a uma assembleia, é uma das passagens mais belas do Ramayana e merece ser reproduzida na íntegra:

“Eu sou Valmiki, e aqui, ó Dasarathi, está Sita de costumes e conduta virtuosos, que, por causa da calúnia, foi abandonada perto do meu eremitério, a crítica do povo tendo te inspirado com medo, ó virtuoso! Sita provará sua inocência; tu deves emitir o comando. Esses dois filhos de Janaki, irmãos gêmeos, heróis invencíveis, são teus filhos também; eu te falo a verdade! Eu sou o décimo filho de Pracetas, ó alegria dos Raghav, eu não me lembro de jamais ter proferido uma mentira; realmente esses dois são teus filhos. Durante incontáveis anos eu pratiquei ascetismo, que eu nunca colha os frutos disso se Maithili for culpada! Eu não tenho nada pelo que me censurar em relação a pensamento, palavra ou ação: se Maithili for culpada, que eu nunca colha os frutos disso!

Com os meus cinco sentidos e a mente como o sexto, meditando em meio a cachoeiras da floresta, a inocência de Sita me foi revelada. Essa senhora de conduta pura e irrepreensível, para quem seu marido é um deus, dará prova da sua boa fé, ó tu que temes a condenação pública! Ó principal dos homens, aqui está essa senhora a quem eu proclamo ser essencialmente casta, eu cuja visão é divinamente iluminada e que, embora ela fosse extremamente amada por ti e sua inocência bem conhecida, tu repudiaste quando o teu espírito ficou perturbado pela crítica das pessoas” (MEIER, 2015, p. 982).

De fato, é incrível e maravilhoso que um asceta como Valmiki tenha feito um juramento tão profundamente significativo em nome de alguém e tenha penhorado a própria recompensa das grandes austeridades praticadas ao longo de incontáveis anos para garantir a inocência e a pureza de Sita. Essas palavras comoveram profundamente Raghava que, pela segunda vez, desejou receber Vaidehi de volta, mas o que ocorreu nessa ocasião foi diferente:

“Vendo aquela assembleia, Sita, vestida com um manto amarelo, com as palmas unidas, a cabeça baixa, os olhos baixos, disse: “Se, em pensamento, eu nunca dei importância a ninguém exceto Rama, que a Deusa Madhavi me receba!”

Enquanto Vaidehi ainda estava falando, um milagre aconteceu e, da terra ergueu-se um trono celeste maravilhoso apoiado sobre as cabeças de Nagas de poder imensurável, seus corpos adornados com gemas divinas. A deusa Dharani, oferecendo-lhe as boas-vindas, tomou Maithili em seus braços, fazendo com que ela se sentasse naquele assento celeste e, enquanto ela ocupava o trono, uma chuva de flores caiu sem cessar do céu. Então os deuses irromperam em aclamações altas, gritando “Excelente! Excelente! Ó Sita, a tua virtude é suprema!” (MEIER, 2015, p. 983).

Nessas circunstâncias, percebe-se que Sita foi embora definitivamente e Rama não conseguiu tê-la de volta pela segunda vez, nem mesmo desejou se casar com outra mulher. Depois desses fatos, não se passou muito tempo e Raghava começou a perceber que seus últimos dias estavam se aproximando e, dessa forma, considerou prudente instalar seus filhos como reis de Ayodhya e ascender para a morada dos deuses.

É extremamente curiosa a semelhança de desafios exigidos no Ramayana e na Odisseia para que os heróis dessas epopeias possam se unir às suas consortes, pois Janaka, o pai de Vaidehi, determinava que

“Para o casamento de minha filha, foi estabelecido por mim e dado a conhecer aos reis que vêm em busca da mão dela que eu não a entregaria a nenhum príncipe cuja força não tivesse sido totalmente provada. Ó sábio renomado, esses reis têm vindo testar sua destreza e eu tenho colocado o arco diante deles e lhes pedido para encordoá-lo, mas nenhum ainda foi capaz de fazer isso.” (MEIER, 2015, p. 102).

Na Odisseia também se lê que os pretendentes à mão de Penélope deveriam competir em um desafio de encordoar um arco, como se verifica na passagem a seguir:

“Pretensiosos pretendentes, atenção ao que tenho a dizer-vos. Usais esta

morada para comer e beber, quereis para sempre a casa de um homem há tempo ausente. Pretexto? Alegais um só. Quereis que de um de vós eu seja mulher. Está bem! Proponho-vos uma competição: retesar sem dificuldade a corda do arco que aqui vos apresento, propriedade do divino Odisseu, e atravessar a série completa de doze machados. O prêmio do vitorioso sou eu.” (SCHÜLER, 2008, p. 216).

O arco simboliza harmonia e equilíbrio entre opostos e faz referência a abóbada celeste, termo comum para letrados e eruditos dos períodos anteriores da idade moderna e, nesse contexto, a capacidade de usar um arco com destreza, simboliza também prova de força, característica altamente valorizada na constituição física do homem da antiguidade.

Na Eneida, percebe-se uma similaridade significativa entre um dos personagens desta, Turno, e outro personagem do Ramayana, Ravana, pois ambos eram obstinados em não ceder aos termos da rendição, apesar de haver sinais que indicavam com clareza que seus exércitos seriam derrotados. Esses dois personagens também se assemelhavam pelo fato de ambos serem motivados a perseverarem na guerra por causa de uma mulher, pois Turno não queria desistir de Lavínia e Ravana, não queria desistir de Sita. Nesse ínterim, em que se mencionam os nomes dessas mulheres que representaram o motivo de uma guerra, deve-se recordar de outra mulher lendária que também teve esse papel, isto é, Helena, que causou um estopim bélico entre gregos e troianos por ter sido raptada por Páris.

Na Eneida também há o gênero feminino representado pela personagem Dido, que acolheu a frota troiana em Cartago e se apaixonou por Enéias que passou alguns dias em sua companhia e depois recebeu, de Mercúrio, uma mensagem de Júpiter, que dizia:

“Essa não foi a promessa da mãe mais que todas formosa, nem para isso o livrou duas vezes das armas dos gregos; sim, prometeu que ele o império da Itália teria, de guerras grávida, a qual levaria mui longe a progênie dos teucros na direção de todo o orbe, a quem lei judiciosas daria. Se o não inflama a ambição de tão belo futuro, se nada pensa intentar em louvor de si próprio, frustrar quer de Ascânio a grande glória de pai vir a ser da grandeza romana? Quê faz? Quê espera entre gente inimiga, afanando-se agora, sem se lembrar dos futuros ausônios, dos campos lavínios?” (NUNES, 1983, p. 77).

Diante dessa mensagem, Enéias decide partir em segredo com a frota troiana, mas Dido percebe e procura explicações de tão grande ultraje, mas nenhuma súplica ou exortação é suficiente para declinar Enéias de sua determinação e o mesmo parte de Cartago e deixa para Dido um ressentimento mortal, que a fez baixar para os domínios de Plutão e rever seu amado Siqueu. Este fato da história, aliás, é premonitório das hostilidades entre Roma e Cartago que marcaram o período compreendido entre os séculos IV a II a.C. Nem mesmo na passagem de Enéias pelos infernos, Dido lhe dá ouvidos quando ele tenta se desculpar, ao invés disso, o ignora, lhe dá as costas e segue com Siqueu para algum confim do reino dos mortos.

Outra personagem feminina muito significativa na Eneida é Camila, filha de Metabo,

que com ela ainda bebê, fugiu de Priverno acossado por volscos, que com dardos tentavam abatê-lo. Quando chega nas margens do Amaseno, hesita em atravessá-lo a nado, pois receava perder a filha, então decide embrulha-la num cortiço e amarra-la numa lança que trazia consigo. Depois de fazer uma prece para Diana, onde dedica a filha para a referida deusa, arremessa a lança por cima do rio e após, se atira nas águas. A menina foi criada por um pastor solitário que vivia nos arredores do Amaseno e cresceu amamentada pelo leite de uma égua armental. Logo que começou a dar os primeiros passos, principiou a praticar tiro com arco e flecha e voltar a funda. Preferiu não se casar, mas dedicar amor eterno e a própria virgindade à Febe. Causou significativas baixas no exército teucro e etrusco e por fim, morreu em batalha, mas foi vingada por Diana, que mata Arunte, o guerreiro que derrotou Camila.

A Eneida é particularmente importante para a identificação dos povos latinos, pois relata a história da origem do povo romano. A Odisseia e o Ramayana tratam de épocas remotas da história da Grécia e da Índia, que são recordadas com orgulho pela população desses países e, nesse sentido, considerando a perspectiva de Stuart Hall, que utiliza o termo identidade

“para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’” (SILVA, HALL & WOODWARD, 2017, p. 77),

Essas obras são necessárias para que haja uma boa constituição da identidade dos sujeitos inseridos na cultura desses países pois, para que essa “interpelação”, ou essa “convocação” descritas por Stuart Hal efetivamente ocorram, é preciso que os discursos mencionados na citação, sejam constituídos de material literário de qualidade, atributo este que sem dúvida está presente nessas epopeias.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se aproximar do término do artigo em questão, conclui-se que as obras abordadas oferecem um rico repertório de assuntos e informações para a resolução da problemática que este trabalho se dispõe resolver.

O início do texto se deu através de uma breve reflexão a respeito da figura do herói e suas principais características, onde foi enaltecido o conceito de virtude, que foi abordado, primeiramente segundo sua concepção relativa ao gênero masculino e em seguida segundo sua concepção relativa ao gênero feminino. Na sequência, foi apresentada a relevância da temática das bênçãos e maldições na obra O Ramayana, com passagens do épico que tratam desse assunto. Depois, se procedeu a uma análise da circunstância associada ao gigante Polifemo, que é narrada na Odisseia e na Eneida.

A seguir, continuou-se com a exposição de aspectos em comum entre a *Íliada* e a *Eneida*, como a ocasião em que Zeus ou Júpiter pesam os destinos de Aquiles e Heitor na *Íliada*, e de Enéias e Turno na *Eneida*. Também foi objeto de estudo a passagem da *Eneida* em que Enéias percorreu cinco voltas ao redor de Árdea, em perseguição de Turno, comparada com o trecho da *Íliada* em que Aquiles percorreu três voltas ao redor de Tróia, em perseguição de Heitor.

Após, debruçou-se sobre uma perícope extremamente importante da *Eneida*, trata-se da recusa de Diomedes em prestar auxílio a Turno na guerra contra etruscos e troianos; esta resposta, extensamente justificada, é repleta de referências a eventos significativos da mitologia grega, que foram citados, analisados e destacados seus aspectos de maior relevância.

A problemática seguinte, que foi trabalhada sob a perspectiva da *Íliada* e da *Eneida* é o mau agouro que advém de se apropriar do despojo inimigo pois, segundo o que se lê nessas obras, isso despertou uma fúria desmedida em Aquiles e Enéias, que tiveram amigos queridos mortos na guerra e seu armamento espoliado pelo inimigo. O evento mitológico seguinte, que foi comparado segundo a *Íliada* e a *Eneida* foi a circunstância em que Aquiles e Enéias imolaram prisioneiros capturados das tropas inimigas como vítimas para a pira funerária da alma de Pátroclo e Palante.

Em seguida, elaborou-se uma análise de alguns presságios e sinais descritos no *Ramayana* e esse assunto, por sua vez, foi comparado com o caso de Ravana e Turno, que são exemplos de soberanos que não souberam interpretar os sinais e presságios e não acataram as interpretações dos seus conselheiros e por isso, tomaram decisões que os levou à ruína.

O início da segunda parte se deu através de uma análise da influência das personagens femininas sobre os seus respectivos consortes, onde foram comparadas as obras *Odisseia* e *Orestéia* e suas personagens Penélope e Clitemnestra.

Em seguida, fez-se uma síntese do *Ramayana*, onde se procurou enfatizar a relevância da personagem Sita no decorrer do enredo da obra. Dentre todas as obras abordadas, o *Ramayana* é a que mais recebeu atenção e a razão disso é que dentre as três principais obras que fundamentam esse trabalho, o *Ramayana* é a menos conhecida na cultura ocidental e a mais longa também.

Após essa síntese, foi realizada uma comparação entre os desafios de Rama e Odisseu para encordoar um arco como condição para se unirem às suas consortes e posteriormente, fez-se uma comparação entre o personagem Turno, da *Eneida* e Ravana, do *Ramayana*.

A seguir, foi abordada a relevância das personagens Dido e Camila da *Eneida* e, por fim, são elaborados alguns argumentos sobre o conceito de identidade cultural e a importância das epopeias analisadas para a fundamentação desse conceito sob a perspectiva abordada.

Certamente esse assunto é de extrema complexidade e não se esgota nessas poucas páginas, pois ainda há muito a ser feito em matéria de cultura para que esta possua um nível de qualidade maior. Além disso, é válido colher do ensejo para citar obras que podem contribuir para o enriquecimento desse mesmo assunto, como por exemplo Os Lusíadas de Camões e A Divina Comédia de Dante Alighieri.

REFERÊNCIAS

LOURENÇO, Frederico. **Ilíada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 555 p.

MEIER, Eleonora. **O Ramayana**. 2015. 1055 p. Disponível em: < https://www.academia.edu/26727550/O_Ramayana_em_Portugu%C3%AAs>. Acesso em: 22 jun. 2022.

MENDES, Manuel Odorico. **Eneida**. São Luís do Maranhão: Editora UNICAMP, 2008. 515 p.

NUNES, Carlos Alberto. **Eneida**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. 280 p.

SCHÜLER, Donaldo. **Odisseia**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008. 285 p.

SILVA, HALL & WOODWARD, T., S., K. **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. 92 p.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bruna Beber 1, 2, 3, 4, 5, 6, 14

C

Carla Diacov 1, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 14

Casas de Pedra 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24

Corpo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 35, 38, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

E

Eneida 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 41, 42, 43, 44

Epopéia 26, 29, 32

H

História 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 27, 30, 31, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 64, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 82, 84, 85

I

Identidade 26, 27, 28, 42, 43, 44, 52

Imaginário 8, 16, 21, 27, 28, 47, 51

M

Memória 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

Mulher 9, 11, 12, 13, 14, 29, 33, 36, 38, 40, 41, 45, 47, 48, 49, 52, 58, 59, 74

O

Objetos 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25

Odisseia 26, 27, 28, 29, 34, 37, 40, 42, 43, 44

P

Poesia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 13, 14, 55, 56, 65, 66, 67

R

Ramayana 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

S

Sensibilidades 16

T

Tortura 45, 46, 48, 50, 51

V

Violência 12, 13, 14, 28, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 56, 59

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

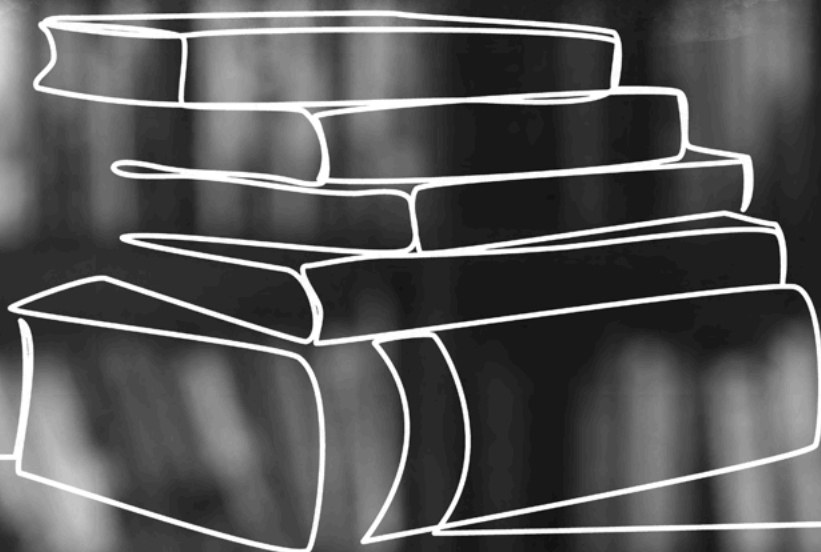
📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura:



Imaginação e seus dispositivos



🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

